

LUTAMOS CONTRA TODAS AS FORMAS DE TIRANIA, DE EXPLO- RAÇÃO E DE OBSCURANTISMO, E EM PROL DE LIBERDADE E BEM-ESTAR PARA TODOS.

AÇÃO DIRETA

Redação:
Avenida 13 de Maio, 23 — 9.º andar — Sala 922

CORRESPONDÊNCIA:
Caixa Postal. 1 — Agência da LAPA — RIO DE JANEIRO

AVULSO: CR\$ 3.00
Assinatura anual Cr\$ 50.00

O Papa Pio XII morreu - e daí?

Os sinos das igrejas de todos os quadrantes da Terra bimbaharam soturnamente em funeral; multidões comprimiram-se ante o palácio residencial do chefe do Estado ultramontano que acabava de morrer; a imprensa encheu páginas esmiuçando a vida do morto em seus mínimos detalhes; o rádio, a televisão e o cinema movimentaram as ondas sonoras, as telas e os vídeos com bulha e espalhafato para focalizar o vulto de Sua Santidade infalível que falecera como qualquer outra criatura deste conturbado mundo.

E qual o nosso pronunciamento sobre essa morte noticiada com tanto destaque?

"Ação Direta" é um órgão de opinião — clara, precisa, definida — que, vivendo ativamente a vida de hoje, faz passar os acontecimentos de repercussão pública pelo cadinho da concepção social que justifica a sua publicação.

Poder-se-á perguntar se a nossa reação ante a notícia do falecimento de Pio XII foi de pesar ou de júbilo. A resposta não pode ser outra: nem de pesar nem de júbilo.

Não teria lógica manifestarmos regosijo pela morte desse Papa, visto sabermos — como toda a gente — que ao circular este número de nosso jornal, de uma das janelas do Vaticano já terá sido exibida à multidão postada na Praça de S. Pedro — saturada até à medula do milenar opio religioso — a histórica fumaça branca, maneira como a Igreja vem, através dos séculos, anunciando ao mundo não ter sofrido solução de continuidade o seu nefasto domínio com a morte de um papa, prontamente substituído por outro.

O que importa não é a pessoa física do papa, mas a função político-social que exerce como expoente de um Estado igual aos demais, como o representante governamental de um imperialismo mais corruptor do que os outros, pois estende os seus tentáculos até o recesso dos lares.

Se não nos regosijamos, também não nos penalizamos. Não ha razão alguma que pudesse justificar sentirmos chocada a nossa sensibilidade com a notícia da morte de Pio XII.

Morreu êle como morre toda a gente. A morte é uma sequência lógica da vida, e nem o papa, com toda a sua santidade e infalibilidade pode fugir a essa lei natural.

Que sofreu as agonias da morte? Mas igualmente elas correspondem à manifestação de uma lei natural: é a consequência da luta travada entre a seiva da vida e os elementos de sua destruição, fenômeno de observação chocante quando tomba a cabeça decepada do condenado à morte e todos seus membros continuam em macabra agitação.

Mas mesmo esse tormento do período agônico foi grandemente atenuado nos derradeiros momentos do Papa Pio XII, com a aplicação de todos os recursos proporcionados pela ciência, que

a Igreja tem combatido e que faltam à maioria das criaturas que atravessam a vida matando-se no trabalho para sustentar os parasitas sociais, entre os quais se destaca o Papado.

Depois, a longa vida de Pio XII nada registra que possa provocar máguas postumas. Decorreu sua existência sem dificuldades, cercado de todo o conforto, que nem em mínima parte podem ter os trabalhadores, não obstante serem os fatores de todas as riquezas existentes, o conforto que jamais foi proporcionado àqueles que constituíam as ululantes multidões por entre as quais Pio XII foi carregado, triunfalmente, em poltrona dourada.

Apontam como benemerência de Pio XII pronunciamentos em favor da paz, esquecendo-se que a Igreja benze espadas que se destinam às lutas guerreiras, que a Igreja abençoa exércitos encaminhados para as guerras, que a história da Igreja está cheia de guerras sangrentas.

É que valem vagas manifestações pacifistas papalinas, sem seguimento de aplicação decisiva e prática, diante da luta corajosa e positiva dos militantes dos movimentos sociais, com destaque dos anarquistas, que são perseguidos por lutarem contra a guerra, por combaterem a preparação bélica que consome a maior parte dos recursos sociais; que significação tinham as lamúrias pacifistas de Pio XII em face da ação decisiva, corajosa e abnegada dos objetores de consciência que, como manifestação prática contra a guerra, negam-se a servir nas forças armadas destinadas à guerra e, por isso, encontram-se às centenas privados de sua liberdade e sofrem as torturas das prisões e dos campos de concentração, sem que o Papa Pio XII tenha jamais esboçado qualquer manifestação em seu favor?

Não, nada ha que nos possa fazer sentir pesar pela morte do Papa Pio XII. Deixamos isso, como privilégio, aos tartufos de todos os naipes; aos chefes de Estados seus colegas no domínio tirânico dos povos; aos líderes dos partidos de exploração política e aos chefes das corporações de toda sorte que constituem o esteio desta sociedade baseada na tão decantada civilização cristã, geradora das misérias, das sujidades, das explorações, das tiranias, das corrupções, das inquietações, da desorganização geral, enfim, que atormentam a vida da humanidade. Preservamos essa tarefa

aos tiranos dos povos sujeitos a ditaduras de todos os moldes e côres, a começar pelo sinistro generalíssimo que tem Franco por designação, e pelo seráfico neurótico de alcunha Salazar, que subscreveram telegramas de condolências pela morte de Pio XII com as mesmas mãos tintas do sangue dos filhos do povo por êles mandados assassinar, por lutarem em prol de liberdade e bem-estar para todos. Deixamos essa manifestação de hipocrisia para os que se apresentam como guias dos trabalhadores e que agora derramam lágrimas de crocodilo pela morte do chefe de uma das organizações mais tipicamente reacionárias que a história registra. Reservamos essa miséria moral para os bolchevistas que, em nome do "comunismo", numa melancólica prática da palavra de ordem — "mãos estendidas", cobriram páginas de seus jornais com lamurias, dolorosas manchetes pela morte do Papa Pio XII, chefe do imperialismo ultramontano, esteio da dominação do capitalismo explorador da classe trabalhadora.

Não, positivamente não podemos penalizar-nos pela morte de Pio XII, chefe de uma organização em cuja história estão registrados muitos dos períodos mais tormentosos da Humanidade, do dirigente de um imperialismo cujos tentáculos, estendidos por todo o Mundo, estrangulam os ímpetus libertários de combatentes dos movimentos que pelejam contra as tiranias econômicas e político-sociais sustentados pela Igreja.

Virá, certamente, um dia em que a Humanidade terá motivo para sentir esse regosijo, e isso sucederá quando, com o desaparecimento do último papa — sem substituto — será anunciado igualmente o desaparecimento do Papado, restando de sua existência apenas a triste lembrança dos males que a História registra como a obra negraganda que, durante séculos, vem praticando esse nefasto polvo social.

Esse regosijo será possível quando a Humanidade jamais volte a ver a simbólica e fatídica fumaça branca partida das muralhas do Vaticano, a ser transformado no museu de uma negra e trágica história.

EDGARD LEUENROTH

A DIREÇÃO DE "AÇÃO DIRETA"

Por motivos de força maior, deixou a direção de "Ação Direta", cargo que assumira após o falecimento de seu pai, a nossa companheira Sônia Oiticica, sendo substituída pelo companheiro Edgard Leuenroth, até uma próxima nova decisão do movimento.



Foi para varrer as imundícies da sociedade burguesa e estabelecer o socialismo libertário, que o povo russo fez a revolução, e não para substituir a tirania czarista pela ditadura de um Estado-capitalista.

Na Comemoração da Revolução Russa

Como anarquistas, não poderíamos deixar de sentir-nos ligados, pela nossa simpatia e solidariedade, ao movimento revolucionário russo, soberbo esforço dos revolucionários sociais, vanguardados pelos anarquistas e que conseguiu derrubar o domínio do capitalismo em sua forma político-econômica mais tirânica, objetivando o estabelecimento de uma organização social consentânea com as aspirações de suprema justiça da coletividade humana, constituindo esse movimento um surto grandioso na marcha da revolução social em todo o mundo.

Entretanto, os bolchevistas, aproveitando-se de circunstâncias especiais, servindo-se de manobras políticas, favorecidos pela ausência de uma forte organização operária revolucionária, estabeleceram a ditadura de seu partido, que ainda hoje domina soberanamente a nação.

Apoiado nessa ditadura partidária, denominada do proletariado, mantém o bolchevismo o seu Estado totalitário, com uma engrenagem administrativa e política centralista, impondo autoritariamente as suas ordens à coletividade e impedindo, pela força, com o emprego de toda sorte de violências, o desenvolvimento das tendências federalistas libertárias da revolução, atrofiando o esforço dos indivíduos, dos grupos e de corporações proletárias tendente a aproveitar a posse dos bens sociais e a consciência despertada do povo para encaminhar a ação renovadora do período revolucionário no sentido do comunismo federalista libertário.

A revolução russa era uma esperança, uma promessa, mas a política de Estado deturpou o seu espírito socialista, opôs-se aos ímpetus renovadores da revolução, manifestados, principalmente, pelos marinheiros de Kronstad e pelos camponeses macovistas da Ucrânia, perseguidos pelos bolchevistas. E, ao cabo de poucos anos, aquele grande país deixou de ser um símbolo de libertação para converter-se em um regime de burocratas.

Hoje é uma potência imperialista junto a outras potências imperialistas que se encaminha para a guerra como todos os outros Estados, que tem tão pouco a ver com o socialismo e com as idéias do proletariado como qualquer outro Estado.

Era um desenlace previsto que pode extranhar a outros, mas não aos anarquistas, que assinalaram esse abismo em sua crítica permanente, objetiva e orientadora.

Os acontecimentos, entretanto, que ultimamente se vêm verificando, não somente na Rússia, como também nos países até onde chegam os tentáculos do imperialismo bolchevista, demonstram que já se vão abrindo brechas nas muralhas da tirania atrofiadora da revolução.

Não obstante o poder absoluto do Estado levado até a hipertrofia, impondo um capitalismo monolítico e uma autoridade compressiva sem limites, apesar dos expurgos que têm vitimado milhões de criaturas, sacrificadas em nome da ditadura do proletariado, mesmo com toda sorte de violências, a dinâmica libertária já se tem feito sentir em movimentos de alta significação.

A primeira manifestação ostensiva de reivindicação popular contra a tirania bolchevista, partiu da Alemanha Oriental, seguida do movimento proletário da Polónia e, depois, da grande convulsão do povo húngaro, esmagada pelos carros de assaltos e pelos canhões dos exércitos dos tiranos da Rússia.

Esses os movimentos de grande vulto e de repercussão mundial, mas numerosos fatos demonstram que o anseio de libertação vive potencialmente em todos os setores de atividade dos povos submetidos ao domínio da minoria privilegiada que se encontra de posse do Estado-polvo bolchevista.

Entre intelectuais e estudantes, nos meios proletários e profissionais, por toda parte, enfim, verificaram-se manifestações de descontentamento, que se transformam em movimentos de reivindicações, que os dominantes da burocracia bolchevista vão procurando tangenciar com paliativos ou esmagando-os violentamente por meio de expurgos aplicados sob a alegação odiosa de mediads de repressão contra inimigos do regime...

Mas a dinâmica da rebelião libertária irá tomando vulto, ganhando terreno, alimentando energias ativas para o impulso decisivo no sentido de reavivar o ímpeto revolucionário e tornar possível um movimento de libertação que objetive o estabelecimento do verdadeiro regime socialista, baseado no comunismo libertário.

Festa da Primavera

Promovida pela Sociedade Naturalista Amigos de Nossa Chácara, realizou-se no dia 28 de Setembro p. p. em S. Paulo, uma belíssima festa campestre, que foi coroada de completo êxito.

Foi grande a afluência ao aprazível recanto da periferia da Paulicéia, reinando plena alegria nas diversões que duraram desde pela manhã até ao cair da noite. Provocou geral agrado a representação teatral levada a cabo no amplo salão de Nossa Chácara por grupo de meninos e meninas, que se conduziram com muita graça e bem ensaiados.

Foi uma magnífica jornada de convivência familiar, na qual se aliou alegria recreativa à influência da educação social.

FRANCISCO FERRER

O assassinio de Ferrer é uma lição de história viva. Contemplamos, no cenário da Terra, a inevitável transição da humanidade sofridora para a humanidade redimida. É o movimento mais profundo, mais essencialmente humano de toda a luta contra a natureza; porque se até agora o homem tem reformado os meios de produção e agido pelo sentimento, doravante aneia por se reformar a si mesmo e o faz pela inteligência.

A tragédia de Montjuich expõe o fenômeno à luz meridiana. Irise-o de cambiantes tão intensas que a mais toldada das visões nela enxerga as perspectivas todas do problema da Emancipação.

Por JOSE OITICICA

Ferrer é um símbolo. Sua vida um prenúncio. Sua morte uma definição.

Recordando-as vemos a humanidade velha, encarquilhada e trôpega, amortalhada nos preconceitos, chumbada no regime de casta, onde se consagra a dualidade extrema de explorados e exploradores; padres, legistas, patrões, juizes de um lado e do outro a deserdada classe dos famintos, proletários sem direitos, triturados no trabalho, sufocados na ignorância, empedernidos na crendice e no crime.

Meditando-as, porém, vemos garri-da, pela ação restauradora da Escola Moderna, a nova humanidade, a humanidade porvindoura, alinhada por si mesma pelo esforço da cultura intelectual em que a razão se eleva, se enobrece o entendimento, e o mundo se revela como existe: energias em transformação na perpetuidade da substância indecomponível. E essas duas humanidades se defrontam no suplício de Ferrer.

O que nela há de belo não é sobretudo a heroicidade do seu fim, a degladição dos ideais humanos com a certeza da vitória da Razão sobre a Fé, da Liberdade sobre a Escravidão.

Ferrer gritando ao morrer: «Vida a Escola Moderna!» é o triunfo das gerações cevadas com a seiva libertária, batisadas para sempre com o sangue do martir, cubiçosas de paz, de amor, dessa entresonhada concórdia, prometida pelos sonhadores passados e negada, vilipendiada pelos parasitas de qualquer sorte: reis, capitalistas, papas e marechais.

A ação de Francisco Ferrer, depois das naturais vacilações, foi e não podia deixar de ser educativa. Assumiu, por isso, uma feição inconfundível que a extrema das ações dos demais propagandistas revolucionários.

É que ela balisa os dois estádios da desse movimento.

A ação libertária se havia concentrado na luta contra o capital. Era demasiadamente econômica. De todo o problema cogitava tão somente da questão operária, embora os chefes da cruzada assinalassem a deficiência intelectual da massa e os inconvenientes dela.

Pensavam, porém, que, livre o trabalhador da tirania do capital, poderia então cuidar da sua cultura e melhorar o cérebro.

Ferrer, então republicano, assim parece haver suposto e a sua atitude era evidentemente a falsa dos socialistas.

As refregas lhe ensinaram, felizmente, melhor rumo. Compreendeu a ineficácia das leis e do governo nas reformas sociais, a mistificação das suas promessas, o lógro perpétuo em que ministros e parlamentares vão mantendo o povo eleito e submisso.

Atinou com a mola principal, mercê da qual os homens de cima exploram descançadamente o labor dos homens de baixo. Essa mola é a «ignorância».

A escravização dos braços só se faz pela escravização da inteligência. A escravização da inteligência se efetua pela educação do Estado e da Igreja. Essa educação consiste no infiltramento de preconceitos e regras e tendentes todas a firmar no ânimo das turbas a obediência passiva aos mandados.

Exige a Igreja o respeito aos dogmas; exige o Estado o respeito às leis.

Dogmas e leis revertem a favor dos seus promulgadores e mantenedores em prejuízo dos dirigidos: trabalhadores e crentes.

Como resolver, portanto, o grande problema? Destruindo os preconceitos, aclarando a inteligência da multidão obscura, apontando-lhe os erros, os desatinos, as imoralidades das doutrinas que lhes dão, substituindo-as pela verdade científica assentada exclusivamente na razão observadora.

A missão da Escola Moderna é esta: esfolinhar o cérebro do povo, elevar, como disse Ferrer, o nível da mentalidade humana, pela disseminação dos conhecimentos bons, banindo de vez a atabafante aluvião de lendas, cultos, superstições, milagres, com que se aterrorizam hoje as consciências para dominá-las.

Ferrer assassinado é a Escola Moderna vitoriosa. O clamor ouvido em todo o mundo contra os sicários espanhóis, aquela onda de ódio cujo embate balançou o trono malsinado, esse vozear de protesto, esse alarido de meia humanidade indignada represen-



Francisco Ferrer, fuzilado em 13 de Outubro de 1913, no castelo de Montjuich, em Barcelona, por ser libertário e ter fundado a Escola Moderna, liberta do domínio clerical e do Estado.

ta o homem futuro, o Hércules que nasce, feteza os músculos, que investe afoitamente contra a Hidra-Autoridade.

Nós contemplamos serenamente do nosso posto de combate, do cantinho onde metralhamos também as forças da rotina, o desenrolar do Grande Drama.

Na sucessão interessantíssima dos quadros, esse da morte de Ferrer nos elucida o entrecho com uma energia sugestiva tão violenta que logo percebemos a conclusão da peça: a apoteose deslumbrante do Racionalismo libertário.

Centro de Estudos José Oiticica

Este Centro de Estudos, iniciativa do Grupo de Ação Libertária, vem realizando todas as-feiras, às 20 horas, em sua sede social, à Avenida Almirante Barroso, 6, sala 1101 (Centro), um ciclo de conferências e debates sobre temas culturais, sob os seguintes temas:

- 1.º — "A Personalidade de Cristo", por Roberto das Neves.
- 2.º — "Psicanálise e Liberdade", por Ideal Peres.
- 3.º — "Nova Forma de Cooperativa Sem Lucros".
- 4.º — "A Favor ou Contra a Maçonaria", por Roberto das Neves.

Para as conferências deste Centro estão convidados todos os amigos e leitores de "Ação Direta", assim como todas as pessoas que se interessam por problemas culturais.

Vesperal Teatral

Promovido pelo Centro de Cultura Social, de S. Paulo, realizou-se no dia 5 do corrente mês, no Teatro Artur Azevedo, situado no bairro da Moóca (à Avenida Pais de Barros, 955), um festival teatral, com a apresentação, pelo Grupo Teatral do mesmo Centro, da comédia em três atos "O que eles querem".

Sob a direção de F. Cuberos Neto e tendo como contra-regras Guido Mezzetti e Angelo Martins, os papéis foram assim distribuídos:

Américo Rudy, Lindolfo; Luís Ochandi, Dr. Barradas; Cida Ochandi, Amélia; Dirce Molina, Porciuncula; Zara Maria, Miquelina; Nilmara Fontes, Iracema; Bartira Leiro, Miloquinha; Abilio Garcia Hernandez, Benito, e Durval S. Rosa, Dr. Leão.

A representação agradou plenamente, conduzindo-se todos os amadores com desembaraço e graça.

Reflexões de um Anarquista

Por RAUL VITAL

PRIMEIROS CONTATOS

O retrato traçado de José Oiticica, na croniqueta do número 128 de "Ação Direta" dá a impressão de um tipo fechado e pouco comunicativo. Realmente o velhote era de pouca conversa; falava pouco, embora fosse poliglota. Mas, ao calor de uma discussão no terreno das idéias revelava entusiástica cultura ideológica, erudição, técnica de debate, clareza de pensamento, firmeza nas convicções a par do desassombro peculiar ao revolucionário amadurecido. Nunca recuou, nem se acovardou. Enfrentava as situações arriscadas com naturalidade. Contam que sempre enfrentou as multidões, nos momentos difíceis, com absoluta calma. De certa feita, defrontou-se com centenas de bolchevistas em uma reunião no Teatro Municipal, arrazando-os completamente. Assisti a uma reunião em que era debatida a tese da "Participação dos Empregados nos Lucros das Empresas", onde se encontrava o então deputado Café Filho, que mais tarde seria Presidente da República, o ex-deputado José Azevedo, o jornalista Mário Pedrosa, diretor de "Vanguarda Socialista", que, ante suas esmagadoras argumentações, abandonaram o recinto precipitadamente. (Lembra-me de quando entreguei, à saída, um exemplar de "Ação Direta" ao futuro Presidente, dizendo: — «Leia-o, para se esclarecer melhor, Excelência». O famoso político aceitou o jornal, confuso e embaraçado, agradecendo e despedindo-se, alegando que o desculpas por ter outro compromisso àquela hora em local distante). E assim, saindo, fugindo à argumentação do esclarecido revolucionário.

Oiticica tinha senso das circunstâncias e das oportunidades. Fazia tudo nas devidas ocasiões. Conduzia-se sempre de acordo com o meio. Trouxa idéias com os companheiros. Doutrinava em reuniões socio-políticas. Como professor do Colégio Pedro II, onde gozava do conceito de maior competência em suas especialidades e de ser de uma integridade a toda prova, e nas aulas particulares, nunca se aproveitava das funções para pregar suas idéias sociais. Limitava-se a ensinar. Em piqueniques, conversava animadamente até com crianças, e brincava. E comportava-se dentro das normas próprias de outros círculos. E, assim, agia com diversidades ambientais. Era considerado e respeitado onde quer que estivesse.

A despeito de sua invulgar capacidade, era um indivíduo capaz de reconhecer seus próprios erros. Recordo-me de quando, em um Congresso Anarquista, em São Paulo, em 1948, após explicar longamente um ponto-de-vista seu, foi aparteado por um camarada sapateiro, e não hesitou em reconhecer que estava errado, declarando simplesmente: — Você tem razão.

Desse modo, mostrava-se compreensivo e transigente, demonstrando não confundir cultura doutrinária com erudição, conforme soe acontecer entre certos intelectuais.

Um anarquista não tem nenhum preconceito, nem mesmo de intelectualidade. Não se julga superior nem inferior a ninguém. Tem convicção de que somos realmente iguais em sentido generalizado. Qualquer exceção significa simples recalques de que as vítimas não conseguiram se libertar.

Vivemos em uma sociedade secularmente defeituosa e não temos a pretensão de sermos perfeitos. Somos apenas mais evoluídos

LIVROS EM REVISTA

A CONQUISTA DO PÃO — Figura entre as obras mais divulgadas de Pedro Kropótkine. Escrita em estilo ameno, conseguiu rápida difusão nas camadas proletárias dos países latinos e especialmente no Brasil. Novamente reeditada no Brasil pela Organização Simões Editora — Rua do México, 31 sobreloja, grupo 203 — Rio de Janeiro — merece ser divulgada por toda a parte. Preço Cr\$ 50,00.

O AMOR LIVRE — Obra do velho militante libertário Charles Albert, recentemente falecido em França, aos 80 anos, mereceu cuidadosa e graficamente impecável edição da Organização Simões. O livro que nos fornece, de maneira clara, inequívoca, os conceitos de amor livre, lese por demais cara aos libertários, é de leitura agradável e convincente. Preço do exemplar: Cr\$ 50,00.

NA INQUISIÇÃO DO SALAZAR — Da autoria dos militantes portugueses Luís Portela e Edgard Rodrigues, que arrostaram o inferno salazarista como integrantes do movimento operário de orientação anárquica, é um livro extraordinário como documento das barbaridades cometidas contra o pensamento livre na ditadura portuguesa. Na introdução, faz Edgard Rodrigues uma síntese do desenvolvimento das lutas operárias em Portugal, lutas orientadas pelos anarco-sindicalistas, que souberam imprimir um conteúdo humano às

A PUBLICAÇÃO DE "AÇÃO DIRETA"

Para que não aparecesse no fim do mês, o número de Outubro de "Ação Direta" foi prejudicado.

Esperamos com o próximo número regularizar o aparecimento do jornal.

Acredito no valor das minorias. O mundo poderia ser salvo por elas. André GIDE

OUTRORA E HOJE

MARIA IEDA

Paz? Não! Não poderá haver paz enquanto houver opressão e enquanto houver exploração. Enquanto viverem na mais atroz miséria grande parte da humanidade, e no luxo e na opulência justamente os exploradores e os opressores.

Lutar contra a opressão, lutar contra a exploração: que haverá mais digno na vida do homem?

A rebeldia é o gesto mais sublime do ser humano na sua luta por um futuro melhor, de bem-estar e de liberdade.

Mas, contrista-me dizer, parece que desapareceram estes gestos dignificadores...

Onde estão aqueles heróis sublimados que semearam por todos os rincões da Terra a semente da rebeldia humana? Que desafiam os tiranos e fizeram baquear tantos déspotas? Que tanto lutaram pelo ideal da emancipação dos oprimidos e desprezados da vida? Morreram!

Será que não tiveram sucessores? Os libertários de outrora viviam entre o povo e lutavam com o povo. Despertavam no povo o instinto amortecido da resistência à exploração e à opressão. E hoje?

Hoje ainda nos restam alguns desses titãs, como testemunho de um passado de glória, gigantes no pensamento e nas ações.

Comparar o passado com o presente é o mesmo que comparar a energia com a inércia.

Hoje, fala-se muito, estuda-se muito, discute-se, e só. Médio? Amor à comodidade? Não acredito. Os camaradas são homens conscientes e o homem consciente dos seus direitos e dos seus deveres não tem medo e ama mais o ideal que todas as comodidades. Boa vontade não falta. E então?

Mais ação, companheiros! Mais propaganda entre as massas sofridoras. Divulguemos o pensamento

reivindicações proletárias. A edição esteve a cargo da Editora Germinal, que apresentou um trabalho gráfico excelente, como acontece, por sinal, com todas suas edições. Preço do volume Cr\$ 150,00.

A TRAGÉDIA DE SACCO E VAN-ZETTI — O assassinato premeditado desses dois valorosos anarquistas pela justiça americana, continua provocando polémica, suscitando debates jurídicos e fornecendo tema para a literatura, como acontece, agora, com a edição do livro de Howard Fast, feita na coleção Romances do Povo, dirigida pelo escritor Jorge Amado. Convém lembrar que Howard Fast rompeu definitivamente com o partido comunista após os trágicos acontecimentos da Hungria. Porém o livro é bem anterior ao rompimento, e relata, em forma romaneada, a tragédia do sapateiro e do peixeiro anarquistas, enredados num processo monstruoso pelo capitalismo americano. A valentia moral de ambos diante de seus algozes, a firmeza e convicção das idéias, as páginas maravilhosas escritas por ambos e que figuram até em antologias de literatura americanas, tornaram-nos imortais. Pena é que o autor procure premeditadamente criar certa confusão quanto à verdadeira ideologia dos mártires que era a anárquica, conforme atestam o processo e seus numerosos escritos. Preço do vol. Cr\$ 70,00.

O DIÁRIO DO DR. SATAN — O companheiro Roberto das Neves sabe mostrar como na literatura rebelde cabe a ironia, como a veia satírica pode ser arma capaz de ir longe e fundo no arcabouço da sociedade infestada de erros e mentiras. Este seu livro reúne farto material de crônicas da era liberticida de Stalin, Hitler, Mussolini, Franco, Salazar e seus patronos vaticanistas.

Termina com um "Documentário" de crônicas e reportagens sébore o fascismo ibérico, e no seu fecho está o brado da "Internacional", que é mais forte e mais verdadeiro em esperanto, o idioma universal. Edição feita pela Editora Germinal. Preço: Cr\$ 80,00.

científico entre a mocidade que embrutece o cérebro com a metafísica malsã e com a política mistificadora.

Saudemos a rebeldia redentora da vida, a rebeldia do pensamento, a rebeldia nas ações.

Paz? Não! Existir é lutar; viver é vencer. «Requiesce in pacem!» é o que se diz ao que já morreu; ao vivo, não. E nós estamos vivos. E bem vivos.

Não se molestem, companheiros, com as palavras francas de uma companheira sincera. Ela é nordestina, e lá, naqueles sertões bravios, ama-se como se odeia: ou tudo ou nada.

AÇÃO DIRETA

Diretor-fundador:

JOSE OITICICA

Diretor:

EDGARD LEUENROTH

Administrador:

IDEAL PERES

A publicação de "Ação Direta" está confiada à comissão de quatro companheiros nomeados em reunião plenária, sendo de sua incumbência os trabalhos de redação, administração e divulgação.

Toda correspondência (com valores, originais, indicações, etc.) deve ser endereçada a IDEAL PERES, para a Caixa Postal 1 (agência da Lapa), Rio de Janeiro.

Em S. Paulo ha uma comissão encarregada do trabalho de arrecadação de recursos, colaboração e da divulgação do jornal.

A exemplo do que acontece com as demais publicações anarquistas, "Ação Direta" menciona o nome de diretor apenas para atender a exigência legal.

TRIBUNA DE DEBATES

Pode ser-se ao mesmo tempo Anarquista e Maçon?

Por ODUX RAMAN

I

1. Em todos os grandiosos movimentos de rebeldia em prol da instauração de melhores condições de vida para a humanidade, como na Revolução Francesa (que teve no príncipe e anarquista Peter Kropótkine o mais fiel dos historiadores, graças ao acesso que lhe foi fácil obter aos arquivos das lojas maçônicas em que se gestou o grandioso acontecimento); no levante dos oprimidos, na Rússia, em 1917, e na revolução espanhola de 1936, derramaram seu sangue, lado a lado, anarquistas, socialistas, maçons, nihilistas, etc. Em todas as batalhas humanas pela libertação do homem, foi o sentimento libertário ou anárquico, aninhado em todos os que acalentam um ideal de justiça (ainda que de tal mesmo não tenham consciência), que impulsionou os homens para a luta.

2. Todo o ser humano sente, mais ou menos, conforme a sua sensibilidade e o grau da sua consciência, em seu corpo e em seu ânimo, a opressão do Estado e a exploração do sordido capitalismo, quer seja assalariado, quer seja patrão, e quer viva em Paris, Moscou, Barcelona, Pequim, Nova York ou Rio de Janeiro. A natural germinação desse sentimento gera uma rebeldia que conduzirá, inevitavelmente, à vitória dos ideais de dignificação e libertação humanas, em nossos dias ou em próximas gerações, com o consequente aniquilamento do escravagismo estatal, da exploração capitalista e da estupidificação idolátrica das religiões, que aviltam a humanidade, fazendo-nos envergonhar de nos proclamarmos homens. Para apressarmos tal desiderato, atuemos diariamente, com otimismo e coragem, sem desfalecimento nem sectarismo (que é o mais oposto aos nossos ideais de tolerância e liberdade) e, portanto, aceitando a colaboração de todos, sejam de que cor forem, que manifestem desejos de trabalhar para a elevação do ser humano, já que o grande objetivo não será atingido por uma só das correntes ou escolas sociológicas, mas sim por todas

elas. Todos os que combatem os três cânceres corruptores da higidez da humanidade (autoridade, capitalismo e religiões) são nossos aliados nesta cruzada que empreendemos. Se alguma filosofia justa e correta existe é aquela que proclama que "o fim a alcançar é igual aos meios usados". Ora, três movimentos ou correntes existem, cuja ação está inspirada por este lema: são os representados pelos anarquistas, pelos maçons e pelos pitagóricos. Todos os outros movimentos, agrupamentos, partidos políticos, religiões, etc. se inspiram na crença de que qualquer meio é justo quando o fim é justo (para eles).

3. Eis porque considero a exclusão, por ser maçom, do militante anarquista do quadro da organização libertária da Bélgica (a que se refere o cam. Jaime de Souza Ávila em seu artigo), uma triste demonstração de intolerância e de falsa tática. Para ser coerente, a organização anarquista da Bélgica deveria eliminar das suas estantes e bibliotecas todas as obras dos grandes teóricos e batalhadores do anarquismo e precursores do nosso movimento, que foram simultaneamente maçons, como William Godwin, Proudhon, Eliseo Réclus, Peter Kropótkine, Erico Malatesta, Anselmo Lorenzo, Charles Malato, Jean Grave, etc., etc., e tantíssimos idealistas e lutadores do ideal anárquico, que, em minhas viagens através do mundo, como oficial da marinha mercante, conheci nas lojas maçônicas dos mais diversos países, onde esparziam a semente das idéias libertárias, e que batalharam e morreram fiéis aos nossos ideais, leais e incorruptíveis, como maçons e anarquistas: Kropótkine e Réclus (omo pode ler-se na grande e documentada biografia do primeiro, de autoria dos conhecidos anarquistas G. Woodcock e I. Avakoumovitch, editada inicialmente em Londres e, recentemente, em Paris) foram iniciados, o primeiro, na loja maçônica "Templo Único", na Suíça, e o segundo em França, e ambos atuaram nas lojas maçônicas da Bélgica, onde a ação de ambos foi fecunda para a nossa causa.

Militantes Que Desaparecem

JOÃO PERES E RODOLFO ROCKER

Os leitores de «Ação Direta» terão observado que o nosso jornal tem servido ultimamente de veículo de informação do desaparecimento de diversos militantes do movimento libertário. E isso numa sequência contrastadora que ainda agora nos vem ferir novamente.

Essa missão nada alvissareira temos de exercê-la de novo, neste número, para registrar a morte de mais dois valerosos combatentes do anarquismo.

Em 4 do mês passado, perdemos um querido membro da família libertária do Brasil: João Peres. E mal havíamos levado esse inesquecível companheiro à sua última morada, chega-nos de Nova York um telegrama transmitindo-nos a desagradável notícia da morte de Rodolfo Rocker, valor de primeira grandeza do pensamento anárquico.

Dois grandes militantes. Um — o nosso Peres, que jamais esqueceremos — foi o anarquismo em dinâmica explosiva, José Oiticica chamava-o «Dinamite». E era isso.

Tendo nascido em berço pobre, não pôde beneficiar-se da instrução que

«Por isso, continuarei trabalhando, criando, esperando e lutando como fiz anteriormente com Milly ao meu lado, e devo fazer agora sem ela, até que um dia o pano desça».

Cerrou-se de fato o pano no palco de sua agitada vida, mas Rocker continua a viver no exemplo de sua atividade produtiva e fecunda, espelhada em suas obras cheias de profundos ensinamentos.

No dia 5 de setembro, faleceu no Rio de Janeiro, à rua Laura de Araújo, onde residia, o nosso dedicado companheiro João Pérez Bouzas, mais conhecido pelos dois primeiros nomes, provocando a infausta notícia, geral consternação nos meios libertários, onde o extinto era muito estimado.

João Pérez, um dos mais puros representantes daquilo que podemos designar pelo «período heróico» do anarquismo no Brasil, nasceu em Orense, Galiza (Espanha), a 8 de abril de 1899. Emigrando para o Brasil em 1915, com 16 anos, fixou-se no Rio de Janeiro, na época em que os anarquistas saturavam com a essência doutrinária das suas idéias e a eficiência dos seus métodos de ação direta o nascente movimento de reivindicação proletária, que se tornara conhecido em todo o mundo por anarco-sindicalismo. A convite de um amigo, foi assistir, na sede de um sindicato, a uma conferência do professor José Oiticica, de lá saindo tão fortemente impressionado com a exposição daquele também falecido camarada e com os debates a que a mesma deu lugar, que resolveu voltar a novas conferências e estudar mais profundamente os problemas sociais. Passou, então, a frequentar assiduamente as organizações operárias e a participar ativa e dedicadamente das lutas sindicais.

Em 1920, trasladou-se para Guaratinguetá (S. Paulo) e alguns anos depois, atraído pelo forte movimento anarco-sindicalista em S. Paulo, fixou-se na capital do mesmo estado, onde tomou parte, por vários anos, nas mais ardorosas lutas em prol da elevação das classes laboriosas e da redenção humana, ajudando, com a sua ação e o seu verbo entre os seus companheiros de aspirações e de sofrimento, os trabalhadores, a educarem-se para gerir por si próprios os seus assuntos e a trancar, livertos dos parasitas, os seus destinos históricos. Os seus esforços como orientador de greves, e de orador em comícios sindicais e populares, não podiam deixar de concitar contra si os ódios da Polícia a serviço dos poderosos. E, por isso, não tardou a conhecer as masmorras e os suplícios propinados pelos esbirros. Passou, então, a peregrinar pelos cárceres dos postos policiais verdadeiras ante-câmaras da morte, que lhe foram minando lentamente a sua constituição física. Experimentou, na própria carne, as «doçuras» dos tormentos, das noites dormidas sobre o cimento úmido do chão das prisões, dos interrogatórios noturnos e intermitentes, tantas vezes acompanhados de brutalidades e de insultos os mais soezes, prodigalizados pelos mastins do poder e da tirania «democrática». Os sofrimentos, porém, em vez de quebrantar-lhe a decisão por essa misteriosa reação que gera no ânimo dos heróis e dos idealistas, mais lhe exarcebava a confiança em dias melhores para toda a humanidade.

Em 1935, quando o fascismo, pela mão do ditador Getúlio Vargas, tomou conta do Brasil, as legiões dos «galinhas verdes» de Plínio Salgado resolveram efetuar uma «passeata» pelas ruas da cidade de S. Paulo, a fim de ulular publicamente o seu ódio à liberdade, à emancipação e às conquistas operárias e a tudo quanto de generoso e de bom o movimento operário orientado pelos anarquistas lograra agitar e conquistar. Contra essa anunciada manifestação dos inimigos da liberdade e do progresso alçaram-se imediatamente os sindicatos operários e as organizações anarquistas, a quem a parte ativa do povo de S. Paulo se uniu espontaneamente. A Federação operária tornara pública a sua decisão de impedir a realização dessa afronta, que os «galinhas verdes» queriam lançar ao rosto da população, igualando o Brasil à Itália de Mussolini, ao Portugal de Salazar e à Rússia de Stalin. E, passando das palavras à ação, os anarquistas e os operários sindicalistas vieram para a rua, dispostos

a tudo. O centro da capital paulista coalhou-se de trabalhadores, houve choques sangrentos, os bandos fascistas dispersos e as ruas ficaram cobertas de farrapos das ridículas camisas verdes dos acaudilhados de Plínio Salgado, ao mesmo tempo que salpicadas de sangue humano. Houve mortos e feridos, mas os partidários da máxima tirania, os fascistas, não lograram levar a cabo a sua anunciada passeata. Nas lutas de rua João Pérez teve um papel verdadeiramente heróico, ainda hoje recordado por todos os militantes operários que em tais acontecimentos participaram. Era uma verdadeira fúria combatente, corajosa e atuante, animando com suas palavras e pelo exemplo, os militantes sindicais.

A resposta da reação, porém, não se fez esperar. Um dia, ao sair da oficina, onde exercia a sua atividade profissional João Pérez leu em um jornal que o ditador Getúlio Vargas,



JOÃO PERES

seria proporcionada a toda criatura, não fôra os entraves desta sociedade feita de injustiças.

Aprendeu a ler, familiarizou-se com as leituras, adquiriu conhecimentos trabalhando para o ganhapão e lutando em prol do ideal que se tornara a pauta de sua vida.

Foi anarquista da ação direta, em todos os ambientes, dando o exemplo da atividade produtiva, falando, discutindo, divulgando os elementos de nossa propaganda, participando de todas as iniciativas do movimento libertário e proletário.

Foi um anarquista integral, coerente com os princípios que professava, solidário, franco e leal com os companheiros, vivendo sempre num permanente esforço para vencer as peias do meio ambiente mirando ter procedimento, ter conduta anárquica — que é o que mais importa.

Esse o companheiro sobre o qual são encontradas mais referências em outra nota.

Foi no dia 10 de setembro que, com 85 anos, Rodolfo Rocker deixou de existir.

Que longo e belo viver, que produtiva, que fecunda vida a dessa emolganante personalidade! Baldadamente a gente burguesa procurou torná-la ignorada, ao mesmo tempo que dava destaque a um sem número de nulidades que vivem a encher as livrarias com o produto de suas masturbações mentais.

Nascido na Alemanha, peregrinou por onde sua atividade libertária podia ser desenvolvida. Participou de congressos e da atividade jornalística do meio anarquista. Serviu-se da tribuna para prodigalizar ensinamentos artísticos, históricos e sociológicos, patenteando em sua conferência a imensa soma de cultura de que era depositário.

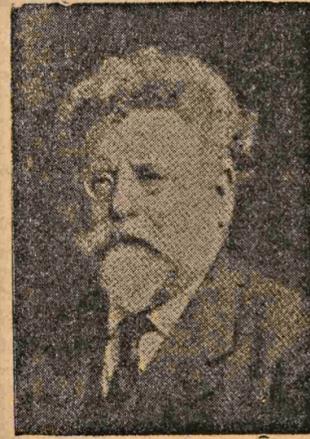
A sua produção intelectual é numerosa, compreende obras de elevado valor e que constituem um valioso patrimônio legado a quantos queiram estudar os problemas sociais.

São notáveis os seus trabalhos biográficos, como (por exemplo, os dos grandes vultos que foram Joham Most e Max Netlan. Desperta também grande interesse sua autobiografia, que condensa empolgantes aspectos de um longo período da história da humanidade.

Muito divulgado é o seu belo livro «Artistas e Rebeldes», bem como o livro também publicado em português, «Idéias absolutistas no socialismo». A sua obra máxima é «Nacionalismo e Cultura», que, inegavelmente apresenta-se como um monumento do saber ao serviço do humanismo.

Em próximo número «Ação Direta» publicará um trabalho mais completo sobre essa vida devotada à causa da felicidade humana.

Encerramos esta ligeira nota com o trecho de uma carta de Rocker, escrita há três anos, a propósito da morte da dedicada companheira de toda sua vida — Milly Rocker.



RODOLFO ROCKER

o mesmo ditador com que, mais tarde, haveriam de ligar-se os bolchevistas, assinara o decreto da sua expulsão do Brasil para a Espanha, seu país natal. Sabendo que isso significava a sua sentença de morte, pois em Espanha o parceiro sinistro de Vargas, Franco, assassinava diariamente a dezenas de anarquistas, resolveu retirar-se de S. Paulo. Quando a Polícia lhe bateu à porta da residência, já João Pérez, burlando as autoridades, se encontrava longe daquela capital, conseguindo, após inúmeras peripécias, atingir o Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, regiões onde, pouco conhecido, pôde prosseguir na sua atividade propagandística, indiferente ao perigo que tal representava. Após alguns anos de perambulação por diversos estados, estimulando sempre os camaradas, retorna a São Paulo, dissimulado no meio de um clube desportivo que ia jogar naquela capital, e ali, embora sem carteira de identidade e rodeado de permanentes riscos, continuava. De São Paulo passou depois ao Rio, onde, finalmente, fixou residência até a sua morte.

Após a queda do ditador Getúlio Vargas, assistiu ao renascimento do movimento libertário no Brasil e participou da fundação do jornal «Ação Direta».

Era João Pérez anarquista sem adjectivos, elemento de luta. Tendo vindo do analfabeto para o Brasil, aqui aprendeu a ler e dedicou-se ao estudo dos mais profundos problemas sociais, de que possuía excelente biblioteca.

João Pérez exerceu, por muitos anos, a profissão de sapateiro, até que há pouco, minado por enfisema pulmonar, complicado por insuficiência cardíaca, que o vitimou, se aposentara. Deixa viúva, a nossa igualmente estimada camarada Carolina Pérez, que foi sempre uma animadora entusiasta dos seus anseios de rebeldia, e filho, o nosso companheiro Ideal Pérez, médico, administrador do nosso jornal e diretor da revista «Conselhos Sexuais» do Rio de Janeiro. A uma e a outro, todos quantos trabalham em «Ação Direta» acompanhamo-los na sua dor, certos de que saberão ser sempre continuadores do esforço imenso e inoldívvel de seu companheiro e pai em prol da emancipação humana.

O funeral foi muito concorrido, tendo a viúva e o filho do querido companheiro falecido, fiéis às idéias ateístas comuns a todos os anarquistas, dispensado cerimônias religiosas.

A beira da sepultura, discursaram, evocando a vida tumultuosa do lutador abatido, entre outros, os companheiros Serafim Porto, Manuel Pérez, José Romero e Ataíde da Silva Dias.

Administração de «Ação Direta»

Publicamos a seguir a relação das importâncias recebidas após a publicação da nota anterior.

Se, por ventura, alguma importância deixou de ser mencionada, o contribuinte nos informará, para providenciarmos.

ASSINATURAS

L. C. Q., H. No., T. Vi. Br., Or. Ma., Tr. R. F., Indeterminadas (2), 50,00 cada.

Ra. J. Ol. Ca. An., Al. Ro., 20,00 cada.

VENDA DE LIVROS

Oferecidos por: J. Past., 150,00; Edgart, 360,00; Petr., 50,00; Diversos, 310,00.

VENDA AVULSA

Em bancas, na Redação e pessoalmente, 763,00.

CONTRIBUIÇÕES

P. F. da S., 1.500,00 (Março a Agosto); A. Pes., 840,00 (Ab., Maio, Junho, Ag. e Set.); Grupo José Oiticica, 2.000,00 (Maio e Junho); Ipê, 400,00 (Maio a Set.); Elvira Barche, 100,00; João Peres (Maio e Junho); Esth., 600,00 (Ab. a Ag.); Gon.... 1.538,00 (Março a Set.); Fr. Vi., 100,00 (Junho); Trig. e Hu., 200,00 (Abril); João Ron, 130,00 (Ab. e Set.); Tr. Reid., 212,00 (em dols.); Botin., 300,00 (Ab. e Ag.); Sat., 100,00 (Ab. e Junho); Mel. J. C., 200,00 (Abril); J. Gut., 300,00 (Julho); L. Past., 100,00 (Julho); Pasc. Mar., 150,00 (Julho); Isi. de Le., 200,00 (Julho); Iv. O. Ha., 237,00 (Julho); Lu. Can., 500,00 (Julho); Ser. S. F., 100,00 (Julho); Od. Fal., 50,00 (Julho); Ven., 300,00 (Maio, Julho, Ag.); V., 100,00 (Set.); J. Por., 280,00 (Set.); Ma. J. Ca., 100,00 (Set.); R. F., 200,00 (Maio); Sonia e Luis, 500,00 (Maio); Sonia, 2.000,00 (Julho, Ag. e Set.); A. A. V., 600,00 (Abril a Set.); Edgart, 300,00 (Maio, Julho e Ag.); Al. Le., 100,00 (Ag.); Lop., 200,00 (Junho); Fra. R. Tr., 50,00 (Agosto).

São dessa natureza os recursos para a publicação deste órgão libertário.

rio. Somente da ajuda de companheiros ou de simpatizantes de nossa obra vive o nosso jornal. Nenhuma subvenção, nenhuma contribuição alheia é solicitada ou aceita.

Por isso, é preciso que os interessados na publicação de «Ação Direta» apressem a remessa de suas contribuições.

Devido ao alto custo da confecção do jornal, temos de alterar para três cruzeiros o preço de cada exemplar.

MOVIMENTO LIBERTÁRIO ESPANHOL

Está sendo distribuído no Brasil um jornal em idioma castelhano publicado em Toulouse, França, que se apresenta como órgão do Movimento Libertário Espanhol (C. N. T. — F. A. I.), de orientação, entretanto, contrastante com a desse Movimento.

A fim de contribuir para que não se alimentem confusões quanto à orientação do Movimento Libertário Espanhol que os elementos anarquistas exilados na França e em outros países continuam e desenvolver com a coerência de sua origem, julgamos útil informar que o referido jornal não figura entre aqueles que são publicados pela C. N. T. — F. A. I.

As publicações que aparecem em Toulouse como órgãos do Movimento Libertário Espanhol são: «C. N. T.» (jornal), «Cénit» (revista), «Nueva Senda» (Boletim interno da Federação Iberica das Juventudes Libertárias).

AÇÃO DIRETA

ANO 13 — N.º 130 — NOVEMBRO DE 1958

O Que Foi a Feira Eleitoral

Amigação de liberais-democratas, fascistas e "esquerdistas"! — Acusações mútuas de toda sorte de imoralidades

Encerrou-se a feira eleitoral. Outra não pode ser a classificação desse rumoroso espetáculo que constituiu a desesperada e nojenta disputa dos cargos governamentais e da representação nas casas onde se faz ostentação de oratória, onde se trocam insultos e também se forjam leis destinadas a complicarem cada vez mais a vida pública.

Tendo-se os ombros do povo como degraus, montou-se a escada pela qual vão subir até as tetas do tesouro da Nação os vivedores da política.

Centenas de personagens de boa ou má fama se apresentaram como ardorosos defensores dos direitos do povo. Desconhecidos uns, outros assás conhecidos a ponto de não poderem apresentar suas folhas corridas, apareceram a gritar que o petróleo é nosso, despejando o sacco de um nacionalismo viscoso, fazendo mil promessas em troca do voto de cabos eleitorais aproveitadores de todas as situações, de criaturas de consciências incapazes de julgar com precisão e daqueles que, honestamente, ainda confiam na possibilidade de serem conseguidos por intermédio de profissionais da política os benefícios que somente da ação direta do povo poderão resultar.

A conduta com que procederam os partidos políticos foi a mais indecorosa possível. Toda sorte de arranjos, de conchavos foram feitos sem que tenham sido respeitados quaisquer programas ou princípios. Verificou-se a amigação de elementos que se proclamam democráticos, liberais e esquerdistas com reacionários ferrenhos do campo fascista.

A essa miséria moral não escaparam as agrupações que se apresentam como socialistas e comunistas.

O chefe dos bolchevistas, que andou a fazer rapa-pés a quantos figurões ha por aí nas alturas do poder e na dominação burguesa, inclusive o cardeal

com sede em S. Paulo, aliou-se com o homem que na vida pública paulista tem uma reputação das mais precárias e com ele agiu em caravanas eleitorais propagando a sua candidatura à governança do Estado!

Foi uma lavagem de roupa suja nunca vista; trocaram-se insultos, fizeram-se, mutuamente, acusações de tremendas imoralidades. Uma vergonha, enfim! Gastaram-se milhões de cruzeiros nessa agitação corruptora.

Só o povo se salvou desse revolver de monturos, sacrificando-se em longas filas, para votar após horas de espera, sem acomodação alguma.

E votou como nunca, e elegeu aqueles que irão falar em seu nome, ou simplesmente aparecer para o recebimento de subsídios. Agiu como tendo agido certo.

Dia virá, porém, em que seu procedimento será diverso. Mandará às favas os vivedores da política e passará a agir diretamente na defesa de seus direitos, no estudo dos problemas da vida pública, na organização e execução de tudo que hoje deixam de fazer ou fazem erradamente aqueles que pretendem ser seus representantes.

Para cuidar dos interesses de cada um e de todos, do cidadão e da coletividade, bastarão as próprias organizações profissionais, as associações de toda natureza, as agrupações de inquilinos e consumidores, todas entrosadas entre si numa ampla e maleável organização federalista, partida dos municípios, com articulação e bairros e subúrbios, até uma vasta, livre e produtiva confederação nacional.

Congresso Anarquista Internacional

O Congresso Anarquista Internacional por nós anunciado, foi realizado com bom êxito no mês de Julho do corrente ano, em Londres. É o quarto que se efetua no gênero, tendo sido precedido pelos de Amsterdam (1907), Berlim (1922) e Paris (1949).

Foram discutidos problemas de ordem prática, teórica, histórica e organizativa pelas delegações presentes, sendo os debates efetuados em francês, inglês e alemão.

O Congresso teve algum tempo de intenso preparo. Em 1949 (Congresso de Paris) foi nomeada a Comissão de Relações Internacionais Anarquista (C. R. I. A.), cuja tarefa, excelentemente executada, consistiu em editar um boletim de documentos e propostas de todos os países, sem poder para rejeitar qualquer sugestão ou informe de federações, grupos ou individualidades.

O resultado foi uma boa coleta de fatos que permitiram uma visão panorâmica do meio social e do movimento libertário durante a primeira metade do século XX.

Estiveram presentes, entre outras, delegações da França, Itália, Espanha, Bulgária, Chile, Alemanha, Holanda, Bélgica, Suécia, Argentina, Inglaterra, Estados Unidos, Canadá.

As sessões do Congresso foram efetuadas no Club Malatesta, e, entre outras deliberações, ficou nomeada a Comissão Anarquista Internacional (C. I. A.) com secretariado em Londres.

Os movimentos libertários do México, Peru, Brasil, Japão, Israel enviaram mensagens de solidariedade e pareceres.

Nos próximos números de "Ação Direta" daremos informações sobre as resoluções tomadas.

EM PROL DA AÇÃO LIBERTÁRIA NO BRASIL

Encontro no Rio — Caravanas de propaganda — Conferência nacional

Com o fim de trocarmos impressões sobre o desenvolvimento da propaganda de nossos ideais, realizou-se nesta capital um encontro de elementos daqui e de S. Paulo.

Para esse fim, na segunda quinzena do mês passado, veio da capital bandeirante um grupo de companheiros, com os quais, em reuniões realizadas em dois dias, foi estudada a situação de nossa propaganda, adotando-se medidas com o fim de lhe ser dado maior desenvolvimento, por todos os meios utilizáveis, principalmente de "Ação Direta", sobre cuja publicação tomaram várias resoluções.

Também foi assentada, em princípio, a realização de caravanas de propaganda a localidades que oferecerem condições para esse fim.

Foi igualmente deliberado fazer-se uma consulta aos libertários de todo o País sobre a oportunidade de ser promovida uma conferência libertária nacional, solicitando-se o pronunciamento de todos, indicando cada qual seus alvítes em cartas endereçadas para "Ação Direta".

Remodelações

Reiniciou sua publicação este periódico de combate social, que começou a ser publicado logo após a queda da ditadura getuliana.

São seus diretores o prof. Moacir Caminha, antigo combatente das lutas sociais no Ceará, e a dra. Maria Zéda Moraes, há anos domiciliada no Rio e que projeta transformar "Remodelações" em diário.

A correspondência para "Remodelações" deve ser endereçada para a Caixa Postal, 76 (agência da Lapa), Rio de Janeiro.

Onde comprar "Ação Direta"

Encontra-se à venda, no centro, nas seguintes bancas do Rio:

Na E. F. C. B. (na rampa de saída).

Em frente à Light. Na Rua Marechal Floriano, esquina de Conceição.

Av. Rio Branco, esquina de Sete de Setembro.

Galeria Cruzeiro, esquina de Bitencourt da Silva.

Av. Rio Branco, esquina de Bitencourt da Silva.

Lapa (ponto de bondes). Uruguiana, esquina de Alfândega.

Largo de São Francisco, esquina de Andradas.

Praça Tiradentes, esquina de Carioca.

Av. G. Vargas, esquina de Uruguiana.

Av. Almirante Barroso, esquina de 13 de Maio.

R. Araujo Pôrto Alegre, esquina de R. do México.

CAUSTICOS SOCIAIS

A freirinha:

— Os anjos estão vestidos de branco, têm asas e voam.

Uma pequena:

— Mas a senhora anda de preto, não tem asas e não voa: como é então que é um anjo?

— E quem te disse que sou um anjo?

— Foi o sr. vigário que esta manhã o disse à senhora!

Toda arbitrariedade do poder é uma usurpação contra a qual o povo deve sempre revoltarse.

HELVETIUS

A Tirania Salazarista — Rebelar-se o Povo Português

Por Edgart RODRIGUES

O povo português, que muitos pensavam estar adormecido à sombra do «equilíbrio das finanças» de Salazar, levanta-se de Norte a Sul do país, reclamando liberdade e a restauração de um regime democrático.

Terminada a farsa eleitoral, com o resultado conhecido antecipadamente, a nomeação do almirante Tomaz, o povo iniciou vários movimentos grevistas no sentido de derrubar a ditadura. Como primeira medida, deflagraram as greves na Marinha Grande, Margem Sul do Tejo, Vila Franca de Xira, Barreiro, Senhora da Hora, Porto, Alentejo, onde os acontecimentos atingiram aspectos gravíssimos. Em Montemor-o-Novo, o povo tomou de assalto a Prefeitura, tendo de ser desalojado a tiros. Nessa luta popular morreram 12 camponeses (e não dois, conforme nota oficiosa).

De Maio a Julho foram assassinados pelos jagunços de Salazar cerca de 100 populares nas lutas pela liberdade, tendo-se notado que todas as greves, com exceção dos pescadores de Matosinhos, Fontela e Figueira da Foz, que, dada a sua situação de miséria, reivindicam aumento de salário, todas as outras pediam o afastamento do ditador Salazar. Como represália, a gestapo salazarista está efetuando prisões a esmo, tendo de improvisar cárceres pela insuficiência dos muitos que já possui.

No presidio militar da Trafaria — margem Sul do Tejo — encontram-se empilhados mais de 700 trabalhadores. É a ordem do governo fascista português: prisão e os tais «safanões a tempo», de que o ditador tanto se gloriou ao afirmá-lo por intermédio de «O Seculo», em 1934. Mas, apesar de tudo isso, o povo parece agora estar disposto a ir até ao fim, 100 cidadãos caíram nesta batalha e, segundo informações que temos recebido, há muitas centenas dispostos a morrerem para conquistar a liberdade. Assim principia uma dessas informações: «No dia em que foi conhecido o assassinato dos camponeses de Monte-o-Novo, o povo das principais cidades e vilas vestiu-se de luto, como protesto silencioso, que, de certo modo, indignou o muito católico governante fascista». Informações recebidas mais recentemente, relatam que no Pôrto, Coimbra e Lisboa, o povo iniciou sério movimento grevista. Trata-se de não comprar jornais, não frequentar cinemas, nem cafés, enquanto não for abolida a censura à imprensa. Esta greve está obrigando os empresários de jornais a pedirem ao governo para liberar o pensamento escrito na tentativa de salvar suas firmas comerciais de uma felizidade desastrosa, que já se avizinha. É de um jornal católico («Diário de Coimbra», 19-6-58) este desabafo: «De há uns tempos a esta parte, em várias cidades do país, o público começou a mostrar latente desinteresse pelos jornais. O jornal, que já foi seu grande amigo, presenteiramente enfastia-o, porque não vai de encontro aos seus anseios espirituais, porque bate todos os dias a mesma tecla, porque não sai de planos que eslam, por tão abordados, numa monotonia que chega a esmagar pela continuidade». E fecha o protesto comercial, e não a reivindicação de liberdade, desse modo: «As ideologias defendem-se com o valor dos fatos ou atacam-se à luz da crítica honesta e, por isso mesmo, sem interações venenosas. O contrário, é matar os jornais. É desferir uma machadada certa, sem remédio, num campo onde devem caber todos os anseios e todas as idéias».

Como se observa a batalha contra o fascismo salazarista assume importância capital graças à perseverança do povo, que muitos julgavam satisfeito, outros conformado com a tirania de Salazar. Estes levantes com ares de valentia de um povo algemado e amordaçado há longos anos, prova que jamais é aceita ditaduras de qualquer espécie. É a guerra declarada. De um lado o povo, de peito descoberto e disposto a morrer e do outro o monstruoso ditador que já sente a terra fugir-lhe debaixo dos pés.

São de um panfleto impresso e distribuído clandestinamente em Portugal as seguintes palavras: «Trabalhadores! Não podemos aceitar a descarada falsificação da vontade do povo, que elegem, sem nenhuma dúvida, como seu presidente, o general Delgado, nem tolerar que milhares de cidadãos sejam postos a ferros e sujeitos às torturas e ao assassinato. É porque não nos conformamos com estas burlas e crimes que nos lançamos, aos milhares, em greves e paralizações na Margem Sul, no Baixo Ribatejo, em Matosinhos, no Pôrto e no Alentejo, etc. O governo ressondeu fechando as fábricas e metralhando o povo, como agora, em Montemor, onde foram assassinados vários camponeses e outros feridos pela Guarda Nacional Republicana. A estes crimes e provocações de-

vemos responder com novas lutas, resistindo à repressão, fazendo a vida negra à «Pide», lá onde ela apareça para prender trabalhadores. Principalmente, participemos, com todo o povo na grande JORNADA NACIONAL DE PROTESTO NOS PRIMEIROS DIAS DE JULHO CONTRA A BURLA ELEITORAL, CONTRA A REPRESSÃO, PELA DEMISSÃO DE SALAZAR, PELA REABERTURA DAS FABRICAS E READMISSÃO DOS OPERÁRIOS DEMITIDOS; PELA SOLIDARIEDADE AOS GREVISTAS.

Nestes dias façamos novas paralizações de trabalho nas fábricas, nos campos, em todos os locais de trabalho, seja saindo das fábricas ou ficando dentro delas, reduzindo a produção e, juntamente com todo o povo:

— NÃO UTILIZEMOS OS TRANSPORTES PÚBLICOS;

— NÃO FREQUENTEMOS OS ESPETACULOS DE QUALQUER ESPÉCIE, OS CAFÉS E OUTROS ESTABELECIMENTOS PÚBLICOS;

— NÃO COMPREMOS OS JORNALIS NEM FAÇAMOS COMPRAS NAS LOJAS DOS FASCISTAS MAIS FERRENHOS;

— JUNTEMOS-NOS NA VIA PÚBLICA!

O Comité de Greve da Estremadura e Ribatejo.»

Do Brasil, onde sempre temos denunciado os crimes de Salazar e seus jagunços, hipotecamos nossa solidariedade aos bravos trabalhadores que, em terras lusitanas, se levantam mais uma vez para tentar derrubar a ditadura que há 32 anos, ali vigora. Fazemo-lo contrariando aquela nota oficiosa do Ministério da Justiça portuguesa, publicada recentemente, na qual ameaça com severas punições os portugueses que no estrangeiro (referia-se ao Brasil, como se este país democrático e livre, ainda fosse colônia de Salazar) maldissessem o seu país.

Avante, povo de Portugal, na luta contra Salazar e seu governo fascista!

Atividades do Centro de Cultura Social de S. Paulo

Prosseguindo em sua obra de divulgação da cultura nos meios populares, este Centro encerrou, com a palestra realizada em 9 do corrente, o curso de arte de falar em público, que promoveu com o concurso do Centro Democrático Espanhol, tendo como orador o prof. Breno Di Grado, técnico do Senac e Supervisor da Universidade do Ar.

Os assistentes desse proveitoso curso oferecerão ao prof. Di Grado a empolgante obra de Kropótkine — "Memórias de um revolucionário", autografada por todos, com uma dedicatória em que lhe manifestam o seu agradecimento e a sua simpatia.

— A sessão de sábado, 11 do corrente, teve um bom programa cultural e festivo.

Foram exibidos belíssimos filmes com vistas, de uma técnica perfeita, dos centros de extração de petróleo, em todos os aspectos, no Amazonas e na Baía, e também nas refinarias de Mataripe e Cubalão.

Também foram exibidos filmes, de igual beleza e perfeição técnica, com aspectos históricos e turísticos de Porto Seguro, Salvador, Recife, Fortaleza e das cataratas do Iguaçu.

A proveitosa sessão teve um complemento de convívio festivo, com um ato de declamações por meninos e meninas e por dois companheiros. Aos assistentes foram oferecidos doces e refrescos.

Anarquismo, como sua etimologia indica, é uma teoria que se opõe a todo gênero de autoridade imposta.

Bertrand RUSSELL